

Teatro 100
direção de
Flávio Desgranges
Rosangela Patriota
Fernando Peixoto (*in memoriam*)



100
TÍTULOS
COLEÇÃO
TEATRO
HUCITEC

COLEÇÃO TEATRO

TÍTULOS PUBLICADOS

À prova de fogo, Consuelo de Castro
Murro em ponta de faca, Augusto Boal
Técnicas latino-americanas de teatro popular, Augusto Boal
Fábrica de chocolate, Mário Prata
Teatro em pedaços, Fernando Peixoto
Tupac Amaru, Osvaldo Dragún
Pensão liberdade, Grupo de Teatro Forja
Pesadelo, Grupo de Teatro Forja
Vassa Geleznova, M. Górkí
Diálogo sobre a encenação: um manual de direção teatral, Manfred Wekwerth
Berliner Ensemble: 35 anos — um trabalho teatral em defesa da paz, Klaus-Dieter Winzer
Teatro em movimento, Fernando Peixoto
Teatro de Augusto Boal 1 (A revolução na América do Sul, As aventuras do tio Patinhas, Murro em ponta de faca)
Textos para televisão, Gianfrancesco Guarnieri
Teatro de Heiner Müller (Mauser, Hamlet-máquina, A missão, Quarteto)
Teoria e prática do teatro, Santiago Garcia
Teatro em questão, Fernando Peixoto
Teatro de Augusto Boal 2 (Histórias de Nuestra América, A lua pequena e a caminhada perigosa, Torquemada)
Um mês no campo, Ivã Turgueniev
Ator e método, Eugênio Kusnet
Teatro e Estado: as companhias oficiais de teatro no Brasil — história e polêmica, Yan Michalsky & Rosyane Trotta
Além das ilhas flutuantes, Eugenio Barba
Teatro de Osvaldo Dragún (Milagre no mercado velho, Ao violador, Voltar para Havana, Os alpinistas)
Um teatro fora do eixo, Fernando Peixoto
O negro e o teatro brasileiro, Miriam Garcia Mendes
Ay, Carmela!, José Sanchis Sinisterra
A canoa de papel, Eugenio Barba
A arte secreta do ator, Eugenio Barba & Nicola Savarese
Ziembinski e o teatro brasileiro, Yan Michalski
Glauce Rocha: a atriz que recusou o estrelato, José Octávio Guizzo
A mochila do mascate, Gianni Ratto
Diversidade, Nelson de Sá
As trombetas de Jericó: teatro das vanguardas históricas, Silvana Garcia
Giramundo: Myrian Muniz — o percurso de uma atriz, Maria Thereza Vargas (org.)
Teatro de rua, Fabrizio Cruciani & Clelia Falletti
O parto de Godot e outras encenações: a rubrica como poética da cena, Luiz Fernando Ramos
Dança e mundialização: política de cultura no eixo Brasil-França, Cássia Navas
Vianinha: um dramaturgo no coração de seu tempo, Rosângela Patriota
Pina Bausch e o Wuppertal Dança-Teatro: repetição e transformação, Ciane Fernandes
As imagens de um teatro popular, Julián Boal
Osmar Rodrigues Cruz: uma vida no teatro, Osmar Rodrigues Cruz & Eugênia Rodrigues Cruz
Uma cena brasileira, Samir Yazbek
Teatro em aberto, Fernando Peixoto
A pedagogia do espectador, Flávio Desgranges
Teatro começo até..., Ittala Nandi
Encenação em jogo: experimento de aprendizagem e criação do teatro, Marcos Bulhões
O teatro de rua: uma paixão no asfalto (experiências na Argentina e no Brasil democráticos da década de 1980), André Carreira
Da minha janela vejo... relato de uma trajetória pessoal de pesquisa no Lume, Ana Cristina Colla
Tal qual apanhei do pé: uma atriz do Lume em pesquisa, Raquel Scotti Hirson
Café com queijo: corpos em criação, Renato Ferracini
Corpos em fuga, corpos em arte, Renato Ferracini (org.)
A expressão dramática, Ruggero Jacobbi
O ator vivo: uma abordagem reichiana para a arte do ator, Zeca Sampaio
Teatro de rua: princípios, elementos e procedimentos, Rubens José Souza Brito
A mulher e o teatro brasileiro do século XX, Ana Lúcia Vieira de Andrade & Ana Maria de B. Carvalho Edelweiss (orgs.)
Veto ao modernismo no teatro brasileiro, Giuliana Simões
Peões em cena. Grupo de Teatro Forja, Tin Urbanatti
A Companhia do Teatro São José: a menina-dos-olhos de Paschoal Segreto, Filomena Chiaradia
Contadores de História da Amazônia Ribeirinha, Suzi Frankl Sperber
A Memória como recriação do vivido, Patrícia Leonardelli
Teatro e Vida Pública. O Fomento e os Coletivos Teatrais de São Paulo, Flávio Desgranges e Maysa Lepique (orgs.)
A Inversão da Olhadela. Alterações no ato do espectador teatral, Flávio Desgranges
Eugênio Kusnet: do ator ao professor, Ney Piacentini
O ato do espectador: perspectivas artísticas e pedagógicas, Giuliana Simões & Flávio Desgranges (orgs.)
O ator dialético: vinte anos de aprendizado na Companhia do Latão, Ney Piacentini
Teatro de invasão do espaço urbano (a cidade como dramaturgia), André Carreira
O teatro como experiência pública, Oscar Cornago, Sílvia Fernandes & Julia Guimarães (orgs.)
Pedagogias do desterro. Práticas de pesquisa em Artes Cênicas, Marcia Pompeo Nogueira, Heloíse Baurich Vidor, Bianca Sciliar Cabral, Flávio Desgranges & Vicente Concílio (orgs.)

OS DEMAIS TÍTULOS DA COLEÇÃO TEATRO ACHAM-SE NO FIM DO LIVRO.

PEDAGOGIAS DO DESTERRO
Práticas de Pesquisa em Artes Cênicas

Marcia Pompeo Nogueira
Heloise Baurich Vidor
Bianca Scliar Cabral
Flávio Desgranges
Vicente Concilio
organizadores

PEDAGOGIAS DO DESTERRO
Práticas de Pesquisa em Artes Cênicas

Hucitec Editora
São Paulo, 2020

© Direitos autorais, da organização, 2019, de
Marcia Pompeo Nogueira
Heloise Baurich Vidor
Bianca Scliar Cabral
Flávio Desgranges
Vicente Concilio

© Direitos de publicação reservados por
Hucitec Editora Ltda.,
Rua Dona Inácia Uchoa, 209
04110-020 São Paulo, SP.
Telefone (55 11 3892-7772)
www.huciteceditora.com.br
lerereler@huciteceditora.com.br

Depósito Legal efetuado.

Direção editorial
MARIANA NADA

Produção editorial
KÁTIA REIS

Assessoria editorial
MARIANA TERRA

Circulação
comercial@huciteceditora.com.br
Tel.: (11)3892-7776



CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P389

Pedagogias do desterro : práticas de pesquisa em artes cênicas / organização Marcia Pompeo Nogueira ...[et al.] – 1. ed. – São Paulo : Hucitec, 2020.
448 p. ; 23 cm. (Teatro ; 100)

Inclui índice
ISBN 978-65-86039-08-5

1. Artes cênicas – Estudo e ensino. I. Nogueira, Marcia Pompeo. II. Série.

19-61848

CDD:790.2071
CDU:37.016:79

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

*Livro carinhosamente dedicado à professora
Marcia Pompeo Nogueira (in memoriam).*

SUMÁRIO

- 13 Apresentação
- Parte 1 — Teatro em contextos comunitários**
- 27 Por um teatro que desvende o código da armadilha
Marina Henriques Coutinho
- 47 Ensinado pela realidade: as Lehrstücke e o Teatro Aplicado
Tim Prentki
- 64 O teatro na formação do jovem do campo
Marcia Pompeo Nogueira
- 82 O Grupo Catalinas Sur e o Teatro de Vizinhos na Argentina
Juliano Borba
- 102 Teatro comunitário e permeabilidade social
Adriana Miranda da Cunha
- Parte 2 — Leitura e Teatralidade: olhares para a escola**
- 121 Vociferar a escola — um relato de experiências da docência
Barbara Biscaro
- 135 Sobre alguma rede a tramar... entre teatro, escolas e universidade
Heloise Baurich Vidor

- 146 Um corpo que ensaia: a lida com textos entre cena e aula (per-
to de Montaigne, Varda, Jacotot/Rancière)
Juliana Jardim
- 172 O texto dramático contemporâneo na escola: experimentações
e desafios de leitura/escuta
Fernanda Vieira Fernandes
- 187 Pedagogia das artes cênicas no ELiTe/UFPR/CNPq: elos e
fronteiras de um grupo e de uma linha de pesquisa
Jean Carlos Gonçalves

Parte 3 — Práticas de movimento e imediação

- 201 Por uma Dança Situada
Bianca Scliar Cabral
- 214 Proposições para uma pedagogia radical, ou como repensar
valores
Erin Manning
- 223 Paz, anonimidade e presença especulativa
Erik Bordeleau
- 235 Condução e danças de salão: conducorporificação
Rodolfo Lorandi
Bianca Scliar Cabral
- 250 Pensamentos-em-ação na metodologia-palhaço do circo-em-
-processo: artes do acontecimento e urbanismo de utopias pe-
dagógicas
Vinícius Huggy Pereira

Parte 4 — A Arte do Espectador

- 267 A poética do participador: efeito estético para além do sentido
Flávio Desgranges
- 281 Um outro olhar para o ontem: reverberações de um passado
presente a partir da perspectiva da mediação teatral
Sabrina Moura
- 293 Formação de espectadores: possibilidades para desenvolvi-
mento na escola
Alexandre Gandolfi Neto

- 308 As pessoas com deficiência visual e a audiodescrição no teatro
Andreza Nóbrega
- 321 Apreender e ser apreendida pelo caminho: apontamentos iniciais para uma reflexão sobre a recepção acidental
Cecília Lauritzen Jácome Campos
- 335 A artista como espectadora: a experiência de afetação como dispositivo para a criação
Mirela Ferraz
- Parte 5 — Em celas e salas: práticas teatrais em presídios e em escolas**
- 351 O jogo dramático: revisitando suas origens
Tiago Cruvinel
- 363 É de verdade ou de mentira? — Práticas teatrais na Educação Infantil
Diego de Medeiros Pereira
- 374 A encenação como prática pedagógica na escola ou um prólogo para *Macbeth*
Pedro Haddad Martins
- 387 Ensaios de desobediência: teatro com mulheres encarceradas
Julia Oliveira
- 399 Avançamos Juntos — Um programa de intercâmbio sobre teatro nas prisões entre três universidades no Brasil e nos Estados Unidos
Ashley Elizabeth Lucas
Natália Ribeiro Fiche
Vicente Concilio
- 427 Vulsh! O teatro é livre — um passeio pelo processo de criação cênica no Presídio Feminino de Florianópolis-SC
Yuri Lima Cabral
- 441 Sobre as autoras e os autores

APRESENTAÇÃO

O livro *Pedagogias do desterro. Práticas de pesquisa em artes cênicas* parte de investigações realizadas no âmbito do Departamento de Artes Cênicas (DAC) e no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGT) da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Os textos a seguir foram escritos, tanto por pesquisadores em Artes Cênicas da UDESC, quanto por investigadores convidados, que mantêm um laço afetivo e um traço em seus processos investigativos que os aproximam dos estudos acerca das artes da cena que vêm sendo realizados nesta universidade.

Até meados do século XIX a cidade de Florianópolis era conhecida como Vila ou Ilha do Desterro, tomando-se por base uma igreja construída no local em homenagem a Nossa Senhora do Desterro. Informalmente, muitos habitantes seguem utilizando o nome Ilha do Desterro para designar a cidade; por isso decidimos incluí-lo no título do livro, para situar as pesquisas no campo da Pedagogia das Artes Cênicas que vêm sendo desenvolvidas nesta ilha, ou por pesquisadores com quem mantemos estreita parceria.

A palavra desterro tem o sentido de deportação, de exílio, de ser afastado da própria terra, de ser banido; e é desse lugar, de certo deslocamento, ou de estranhamento, que podemos compreender as pesquisas a seguir. Em perspectiva crítica e propositiva acerca do fazer artístico na contemporaneidade, tendo em vista os distintos enfoques das relações entre as artes cênicas e os variados âmbitos da vida social.

O livro está dividido em cinco partes, cada qual com textos organizados por um dos professores da UDESC com pesquisa no campo da Pedagogia das Artes Cênicas: *Teatro em contextos comunitários*, por Marcia Pompeo Nogueira; *Leitura e Teatralidade: olhares para a escola*, por Heloise Baurich Vidor; *Práticas de movimento e imediação*, por Bianca Scliar Cabral; *A Arte do Espectador*, por Flávio Desgranges; e *Em celas e salas: práticas teatrais em presídios e em escolas*, por Vicente Concilio.

Teatro em Contextos Comunitários

O foco deste conjunto de textos, como o próprio título indica, é o teatro feito em contextos comunitários. Qual o sentido desse tipo de teatro no contexto atual? Que metodologias são indicadas? Onde pode ser praticado? De uma forma geral, os artigos que seguem respondem a estas questões.

Os dois primeiros artigos dialogam especialmente: *Por um teatro que desvende o código da armadilha*, por Marina Henriques Coutinho; e *Ensinado pela realidade: a Lehrstücke e o Teatro Aplicado*, por Tim Prentki, falam sobre a função do teatro no momento atual de crise do capitalismo. Por meio de um paralelo entre a república de Weimar, na Alemanha pré-nazista e o contexto brasileiro atual, Marina Henriques traz as peças didáticas de Brecht como alternativa, fundamentada na perspectiva Brechtiana que ela assim destaca: “Vivemos «numa época de confusão e sangue, desordem ordenada, arbítrio de propósito, humanidade desumanizada»; todavia, nada deve parecer impossível de mudar”. Já o texto de Tim Prentki analisa as peças didáticas de Brecht e aponta que “Teatro com comunidades é um processo onde a realidade específica da comunidade existe em uma relação dialética com o potencial imaginativo para a criação de um mundo diferente”. Ambos os textos, apesar de críticos em relação ao contexto atual, apontam de forma positiva para a função do teatro no contexto contemporâneo.

Os outros textos trazem exemplos de práticas teatrais comunitárias, feitas em contextos específicos: *O teatro na formação do jovem*

do campo, por Marcia Pompeo Nogueira, analisa dois projetos feitos em assentamentos da reforma agrária, *Arte no campo* e *Formação de agentes culturais da juventude camponesa*, que aconteceram no sul do Brasil, entre 2013 e 2017. Mais especificamente, o artigo analisa duas estratégias de envolvimento com comunidades que foram utilizadas nos projetos: o trabalho com os “Caminhos” e o “Mapa da Vida”. O objetivo é refletir sobre o significado dos projetos para os jovens e como estas estratégias metodológicas contribuíram para os resultados alcançados.

O artigo *O Grupo Catalinas Sur e o Teatro de Vizinhos na Argentina*, por Juliano Borba, traz uma análise aprofundada do teatro comunitário argentino. Segundo o autor, “O teatro comunitário na Argentina, também conhecido como teatro de vizinhos, é um fenômeno massivo impressionante, congrega milhares de participantes através de dezenas de grupos ao redor do país, organizados em uma rede nacional”. Enquanto um importante exemplo de teatro comunitário, a experiência argentina é analisada desde seus primórdios e é proposta como um referencial para a área. Segundo Juliano Borba,

Há uma base de conhecimentos e sabedorias envolvendo desde a formação do grupo até a circulação e avaliação dos espetáculos. Através da história, dos princípios, dos valores e das metodologias, o teatro comunitário na Argentina se constitui como marco referencial para um teatro comunitário em processos e produtos festivos. A Rede Nacional Argentina de Teatro Comunitário é uma promotora desse referencial.

O último artigo *Teatro comunitário e permeabilidade social*, por Adriana Miranda da Cunha, traz um exemplo de prática teatral comunitária que acontece em Joanesburgo, África do Sul. Mais especificamente Adriana analisa o Projeto Teatro Hillbrow, através do estudo de duas de suas ações voltadas para jovens: o *Programa depois da escola*, e o *Programa escolas secundárias*. Segundo Adriana, “juntos os programas promovem ações distintas e o mapeamento e análise destes dois programas possibilita a compreensão de como o projeto se relaciona e se multiplica na cidade”.

Com base nos diferentes artigos podemos entender a importante função do teatro feito em contextos comunitários e ter uma ideia da amplitude de sua prática.

— Marcia Pompeo Nogueira

Leitura e Teatralidade: olhares para a escola

Em fevereiro de 2016 iniciei o projeto de pesquisa *Teatro, leitura, literatura e educação: encontros com o texto* no Centro de Artes da UDESC. A proposta inicial era aprofundar os temas estudados no doutorado, relacionados às áreas da leitura e formação de leitores, da literatura e da pedagogia teatral, cujo foco era o trabalho com o texto escrito na formação do professor de teatro. Nesse sentido, a ideia era revisar os dados empíricos disponíveis já coletados nas experiências realizadas com crianças, jovens e adultos, no âmbito da educação formal e informal.

Entretanto, o retorno às aulas na graduação e na pós-graduação, a criação do grupo de pesquisa Pedagogia das Artes Cênicas, a criação do grupo de estudo em conjunto com o professor Vicente Concilio — cujo primeiro livro lido foi *Em defesa da escola: uma questão pública* —, as parcerias que começaram a se firmar com outros pesquisadores externos à UDESC, acabaram por gerar novas ações que ampliaram as perspectivas sobre as questões do projeto.

Uma dessas ações foi a criação do espetáculo *Coro dos maus alunos*, construído nas disciplinas Montagem Teatral 1 e 2 do curso de Licenciatura em Teatro da UDESC. As disciplinas foram ministradas por Barbara Biscaro e por mim, e ele acabou sendo o deflagrador das discussões dos dois primeiros textos que compõem esse capítulo. Em *Vociferar a escola — um relato de experiências da docência*, de Barbara Biscaro, a autora reflete sobre seus próprios processos de construção do que é a docência, além da descoberta das relações institucionais que regem a escola na qual é professora (a Universidade). Na sequência, *Sobre alguma rede a tramar... entre teatro, escolas e universidade*, de minha autoria, trata do desejo de formar rede entre professores,

futuros professores, alunos, artistas de teatro, pesquisadores, trazendo o espetáculo como o ponto comum de abertura para se pensar sobre a arte na escola, as relações professor-aluno, os temas da juventude, as alegrias e tristezas relacionadas a essas instituições, chamando a atenção para a “responsabilidade da ignorância”, de acordo com Luiz Camnitzer em referência ao livro *O mestre ignorante — cinco lições sobre a emancipação intelectual*, de Jacques Rancière.

O tema da ignorância ecoa na escrita de Juliana Jardim. *UM CORPO QUE ENSAIA: a lida com textos entre cena e aula (perto de Montaigne, Varda, Jacotot/Rancière) — Inclui-se tradução de Pour une commune pensée, de Jean-Luc Nancy* é, fazendo alusão às palavras da autora, um “ensaio ficcional de pesquisa” com “titubeios” entre aula e cena, textos, corpos em ensaio. Em um gesto de generosidade, Jardim nos presenteia com a tradução do texto de Jean-Luc Nancy, mencionado no título, que compõe o ensaio.

Retomando a leitura, a escola, e o teatro *O texto dramático contemporâneo na escola: experimentações e desafios de leitura/escuta*, de Fernanda Vieira Fernandes, traz algumas das experiências de leitura dramática realizadas em escolas de Pelotas/RS, pelo projeto de pesquisa *Leituras drama contemporâneo*. As inquietações de Fernandes corroboram com muitas das questões que me acompanharam no doutorado e que estiveram presentes no atual projeto.

Para fechar o capítulo, *Pedagogia das Artes Cênicas no ELiTe/UFPR/CNPq: elos e fronteiras de um grupo e de uma linha de pesquisa*, Jean Carlos Gonçalves apresenta o Grupo de Pesquisa ELiTe, destacando, especialmente, as ações desenvolvidas na linha Pedagogia das Artes Cênicas, uma das vertentes mais consolidadas do grupo. Em 2017, fui convidada a integrar o Grupo, participando de ações propostas desde então.

Agradeço aos parceiros-autores que, de alguma maneira, conformaram a teia tecida em torno do Teatro, da Leitura, da Literatura e da Educação.

— Heloise Baurich Vidor

Práticas de Movimento e Imediação

Os textos aqui apresentados foram desenvolvidos com base em experiências práticas do Laboratório de Ensaios e Imprevistos. Dada a natureza de nosso programa de pesquisa, ação e estudos, seria impossível abarcar a totalidade dos projetos desenvolvidos nestes últimos cinco anos, quando iniciamos as práticas no Centro de Artes da UDESC. O Lab. Ei é um núcleo de investigações pedagógicas em movimento, um ajuntamento para a pesquisa-criação onde interseccionam dança e filosofia, artes visuais, arquitetura e ativismo, por meio da produção de eventos híbridos e processos interdisciplinares, unindo teoria e ação e sistematizando processos de improvisação em dança.

A busca por condições para a improvisação induziu-nos a chegar aos limites do que consideramos ser práticas experimentais e a questionar como compor pedagogias de processo. Essa busca deu origem à projetos diversos, que incluem o desenvolvimento de uma metodologia de danças para adultos e bebês (o projeto Moinho de Danças), o engajamento com um convênio transdisciplinar internacional para práticas experimentais em filosofia (Immediations/SenseLab), a revisão de modelos de avaliação nas disciplinas de técnica de dança, a elaboração de projetos de estágio, a inserção em comunidades periféricas tal como imigrantes sul-americanos recém chegados à Ilha de Santa Catarina, a proposição de estudos sobre a paisagem no antropoceno (Pedagogias para Mover Jardins), concebendo práticas ancoradas em aspectos do que viemos a chamar de improvisação situada. É a partir do interesse na partilha que não se vê, o intangível-sensível, que os autores incluídos aqui tentam alcançar com a criação de imprevistos a ideia de pedagogias da imediação. Essas práticas se dão em composições modos de estudo, técnicas para transduzir o comum, repartir e situar ocasiões para a aprendizagem.

No primeiro texto apresento a noção de uma pedagogia da dança situada, convidando a leitora a conhecer algumas tensões erguidas sobre a dicotomia entre corpo e espaço nas técnicas de dança. Sugiro uma dança situada ao apresentar propostas sobre movimento relacional, e provocações sobre como coreografar proposições pedagógicas que transcendem os limites *conhecíveis* de solidez.

O segundo artigo, de Erin Manning, propõe modos de pensar para além da instituição, considerando recortes do processo pedagógico que são usualmente desprezados nas performances de docência. A partir do livro *Undercommons: Fugitive Planning and Black Study*, Manning sugere uma preciosa reflexão sobre os modelos de ensino, baseados em estruturas de valor de capital, de dívida, que não fazem juz às capacidades que desenvolvemos em um processo de estudo, para além das tarefas a serem cumpridas.

O terceiro trabalho apresenta o viés filosófico de Isabelle Stengers, em sua lúcida teoria por uma ecologia de práticas, onde o autor Erik Bordeleau retorna à pergunta sobre “o que nos tornou tão vulneráveis, tão prontos para justificar as destruições cometidas em nome do progresso”. Sua leitura implica em repensarmos os procedimentos pedagógicos que mantemos nas artes valendo-se de uma noção de generosidade especulativa sobre as práticas.

As ponderações de Lorandi sugerem reflexões a partir da dança de salão, mas que extrapolam este campo ao questionar aspectos sobre a condução do movimento. Lorandi aproxima prática de criação e a pedagogia do movimento com base na ideia de pedagogia radical, construindo uma narrativa delicada e sagaz sobre a experiência de um “dançar junto”.

No relato especulativo sobre uma prática de poéticas circenses Vinícius Huggy Pereira indaga, fundando-se em Gil, Whitehead e Arakawa e Gins, como o movimento do corpo se torna movimento do pensamento, sugerindo modos através dos quais as práticas conduzem a processos de aprendizado que extrapolam seus conteúdos formais.

Somos em dança muitos braços, muitas línguas, centros descentrados, pés enlaçados, provocadores de imprevistos calculados. Da dedicação às intersecções das práticas em performance e dança com a filosofia processual convidamos, em alguma instância a abandonar certezas que por décadas foram predominantes nos estudos da dança. A filosofia do organismo de Alfred North Whitehead, quando revisitada através do pressuposto de que não existe sujeito que antecede ao acontecimento coloca as relações e a criação de acontecimentos à frente da experiência. Sob esta perspectiva os textos aqui reunidos convidam ao abandono de uma dança onde o indivíduo é considerado como unidade mínima da experiência, nos encaminhando para um

conjunto de movimentos e uma coletividade heterogênea, um *mover-se com*. Tal abstração filosófica perturba tanto o formalismo quanto o expressionismo na dança e nos convida a pensar outros modos de mover, mais do que isso, demanda um vocabulário alternativo e a invenção de outras abordagens pedagógicas em dança.

— Bianca Scliar Cabral

A Arte do Espectador

O título dado a essa parte do livro — *A Arte do Espectador* —, que reúne textos sobre recepção e mediação teatral, é também o nome de um projeto que o iNerTE – Instável Núcleo de Estudos de Recepção Teatral,¹ grupo de pesquisas que coordeno, vem desenvolvendo, em parceria com o Sesc Prainha, na cidade de Florianópolis. Este projeto consiste em convidar os alunos das turmas de EJA – Educação para Jovens e Adultos, que estudam na escola do Sesc para, pelo menos uma vez por mês, assistirem a espetáculos teatrais, no teatro desta mesma instituição. A partir dos espetáculos são propostos modos experimentais de conversas com os espectadores, que denominamos *Debates pelo avesso* ou *Debates performativos*.² As pesquisas aqui reunidas tratam do ato do espectador teatral, fundando-se em distintos enfoques e perspectivas. O texto que abre essa parte do livro, de minha autoria, intitulado *A Poética do Participador: efeito estético para além do sentido*, trata de aspectos da experiência estética na contemporaneidade, a partir da relação de um grupo de espectadores, alunos de uma escola pública, com a instalação sonora *O ovo*, do compositor suíço Walter Smetak, em exposição ocorrida na cidade de Salvador.

1 Sobre o trabalho do grupo ver: Simões, G. O espectador em pleno voo: as experiências do iNerTE. São Paulo, *Revista Sala Preta* 13(2), pp. 193-9, 2013. <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/69088>>.

2 Sobre os Debates Performativos ver: Simões, G.; Desgranges, F. Folias Galileu: o espectador em ato performativo. São Paulo, *Revista Sala Preta* 17(1), pp. 340-52, 2017. <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/128183>>.

O texto *Um outro olhar para o ontem: reverberações de um passado presente a partir da perspectiva da mediação teatral*, de Sabrina Moura, traz à tona o contexto histórico-cultural da cidade de Blumenau, Santa Catarina, buscando tensionar passado e presente, a partir da perspectiva da mediação teatral. O período histórico estudado limita-se aos anos de 1850 a 1939, que marcam, respectivamente, a fundação do município e a inauguração do atual prédio da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes. Um pretérito marcado pela privatização e o desenvolvimento industrial, protagonizado por uma elite cultural germânica, afetando de maneira significativa a subjetividade dos cidadãos blumenauenses e, conseqüentemente, as práticas de produção e recepção da arte teatral na contemporaneidade.

Em *Formação de espectadores: possibilidades para desenvolvimento na escola*, Alexandre Gandolfi Neto faz um breve levantamento dos estudos acerca da pedagogia do espectador no Brasil, com referência às práticas desenvolvidas no âmbito escolar. De modo a promover o debate acerca de como propor processos de mediação e de recepção teatral na escola com o objetivo de fomentar a relação do aluno-espectador com o teatro.

Andreza Nóbrega, em *As pessoas com deficiência visual e a audiodescrição no teatro* aponta como a recepção do espetáculo, mediada pela audiodescrição, possibilita que a pessoa com deficiência visual tenha acesso aos diversos elementos visuais da teatralidade. O que pode influenciar significativamente a maneira de perceber e ler a obra, de modo que, baseando-se em suas relações com os diferentes significantes, possa se posicionar criticamente enquanto espectador. O texto traz um recorte de investigação realizada a partir da audiodescrição no espetáculo *Nem sempre Lila*, compartilhando alguns relatos das pessoas espectadoras com deficiência visual e os atravessamentos visuais que as marcaram durante a fruição do espetáculo.

No texto *Apreender e ser apreendida pelo caminho: apontamentos iniciais para uma reflexão sobre a recepção acidental*, Cecília Lauritzen Jácome Campos busca salientar aspectos que possam caracterizar a recepção acidental, com enfoque nas noções de teatralidade e performatividade. O teatro performativo urbano é contextualizado na busca por contemplar um nicho de práticas teatrais que se aproximem do acidente, seja pelo seu modo de se colocar no espaço ou

pelas maneiras de se relacionar com o público. O pedestre que se torna espectador acidentalmente é, portanto, objeto central do estudo, bem como a experiência que deriva desse encontro.

Mirela Ferraz, em *A artista como espectadora: a experiência de afetação como dispositivo para a criação*, busca salientar a importância da recepção como disparador para a criação artística, ressaltando o impacto e o papel fundamental da experiência de afetação do/a artista para a semente de processos inventivos. Para tratar sobre o tema, descreve sua experiência com o trabalho *Yo no soy bonita*, da artista espanhola Angélica Liddell, que inspirou a criação de seu trabalho performativo, intitulado *Lavar-se. Lavrar-se. Livrar-se. Levar-se*. Ambas as proposições artísticas discutem a violência contra a mulher, constituindo-se em gritos de denúncia que evocam a memória, a dor e o luto de vozes que foram silenciadas pela cultura patriarcal e falocêntrica.

— Flávio Desgranges

Em celas e salas: práticas teatrais em presídios e em escolas

Nos últimos anos, sobretudo após a destituição da presidenta Dilma Rousseff e o avanço dos discursos reacionários e anti-intelectuais, a área de Ensino das Artes passou a ser duplamente atingida: seja pelos retrocessos e ataques que a própria área educacional vem sofrendo; seja pelas atitudes conservadoras que, mais uma vez, erguem suas vozes a favor da censura nas artes. Nesse panorama, a Pedagogia das Artes Cênicas é também um campo em que esses discursos se encontram em disputa, e é com alegria que os artigos reunidos aqui mostram que ainda existe espaço para pesquisa e resistência quando há desejo de ampliar os efeitos de nossa ação na sociedade.

Entre 2011 e 2017, tive a oportunidade de coordenar o PIBID — Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência — da área de Teatro, na UDESC. Surgiu ali uma busca por estratégias de trabalho teatral com alunos do berçário e Educação Infantil, o que nos levou a investigar estudos teóricos que embasassem essas práti-

cas. Nesse campo, o texto de Tiago Cruvinel, *O jogo dramático: revisitando suas origens*, traz contribuições significativas a uma revisão do pensamento do britânico Peter Slade, normalmente associado à “livre expressão”. Traz ainda contribuições significativas para esse campo o artigo de Diego de Medeiros Pereira *É de verdade ou de mentira? — Práticas teatrais na Educação Infantil*. Ainda no âmbito das práticas de ensino do teatro na escola, o aprendizado realizado na criação de espetáculos está no centro do debate trazido pelo texto de Pedro Haddad Martins, *A encenação como prática pedagógica na escola ou um prólogo para Macbeth*. Esses três textos trazem novas abordagens para antigas questões, contribuindo para manter vivo nosso interesse tanto pela história das ideias relativas ao ensino do teatro quanto pelas práticas que teimamos em exercer, mesmo em ambientes nem sempre favoráveis.

Sobre essa teimosia, os três últimos artigos versam sobre processos teatrais que acontecem em prisões. No primeiro deles, *Ensaio de Desobediência: teatro com mulheres encarceradas*, Julia Oliveira nos oferece algumas sínteses que ela construiu em sua pesquisa de mestrado na UniRio, na qual ela analisa suas práticas em prisões femininas em Santa Catarina e no Rio de Janeiro. Depois, em parceria com Ashley Elizabeth Lucas, professora da Universidade de Michigan, e com Natalia Ribeiro Fiche, da UniRio, escrevo sobre o intercâmbio entre projetos de arte em prisões coordenados por ações universitárias, no artigo *Avançamos juntos — Um programa de intercâmbio sobre teatro nas prisões entre três universidades no Brasil e nos Estados Unidos*. Por último, Yuri Lima Cabral relata sua experiência como professor de teatro para mulheres presas em *Vulsh! O teatro é livre: um passeio pelo processo de criação cênica no Presídio Feminino de Florianópolis-SC*.

São práticas muitas vezes invisíveis, mas aqui elas ganham a relevância afetuosa de quem sabe quanto esforço é dispendido para conseguir reunir um grupo de artistas na prisão.

— Vicente Concilio